

humanitas

Vol. XXVII-XXVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS

HUMANITAS

VOLS. XXVII E XXVIII



COIMBRA
MCMLXXV-MCMLXXVI



impõe como modelar, pela riqueza informativa e pelo equilíbrio das soluções adoptadas.

Efectivamente, num autor cuja transmissão manuscrita é demasiado vasta para se poder dominar em absoluto (cerca de trezentos códices) e numa peça que, pelo privilégio de pertencer à tríade bizantina, oferece *testimonia, loci similes e imitationes* em número elevadíssimo, a tarefa do editor torna-se singularmente complicada. É certo que, nas últimas décadas, se têm sucedido as investigações sobre os manuscritos de Eurípides (A. Turyn, *The Byzantine Manuscript Tradition of the Tragedies of Euripides*, Urbana 1957; G. Zuntz, *An Inquiry into the Transmission of the Plays of Euripides*, Cambridge 1965; V. di Benedetto, *La tradizione manoscritta Euripidea*, Padova 1965; A. Tuilier, *Recherches critiques sur la tradition du texte d'Euripide*, Paris 1968), todas elas precedidas em muito pela selecção clarificadora da edição de Murray; e que um passo importante foi dado em 1970 com a publicação do chamado palimpsesto de Jerusalém, por S. G. Daitz. Mas muitos problemas continuam por resolver, como o da relação entre *L* e *P*, sobre a qual os estudiosos não conseguiram ainda chegar a acordo.

O A. dedica a maior parte do prefácio à dilucidação destas questões, que analisa aduzindo numerosos exemplos do *Orestes*. Merecem especial atenção os que provam a afinidade entre *V* e *A* (que Di Benedetto considera não redutíveis a uma só família, mas com certo parentesco) e os que ajudam a esclarecer a já referida questão do parentesco entre *L* e *P*, bem como as relações destes códices com Moschopoulos ou com Thomas Magister.

Para os papiros, excepcionalmente numerosos no caso do *Orestes*, apresenta uma lista de lições correctas deles extraída, e outra que mostra a antiguidade de certas corrupções do texto. O exemplo mais interessante é o do *II*^o (p. XXXV), onde se revela, no v. 343, uma daquelas repetições de sílabas de que Aristófanes troçara em *As Rãs* (v. 1314).

Relativamente às citações do *Orestes*, o A. faz uso prudente do *Gnomologium Vaticanum*, só onde há dúvidas na restituição do texto; e tem em conta os *testimonia* que contribuem para abonar a antiguidade de versos que têm sido suspeitos, o que o leva a readmitir mais de uma dezena deles (pp. XXXVI-XXXVII).

As interpolações são, de resto, um dos grandes problemas dos editores dos trágicos em geral, e do Eurípides tardio em particular. Sem chegar aos extremos de *As Fenícias*, o *Orestes* também conta com muitas ateteses, e, se Biehl levantou algumas das que Murray aceitara (e.g. em 82, que explica por uma elipse; em 136-139, que são dramaticamente necessários; e em 695, que mantém com base nos *testimonia*), o número total de versos considerados espúrios subiu em relação ao editor oxoniense. De todo este grupo, apenas um caso nos parece difícil de aceitar: a manutenção de 625, com exclusão de 626, os quais haviam ambos sido condenados por Schenkl, como repetitivos de 536-537 (a justificação de Chapouthier, na sua edição Budé, p. 53, nota 3, não é decisiva).

Também a colometria de Biehl o levou a fazer ou aceitar certas correcções ao texto, de entre as quais registamos como especialmente felizes a do v. 964, em que, considerando, como Musgrave, que *Περσέφασσα* é uma glosa, adopta a restituição de Heimsoeth, e a do v. 1006, em que exclui *μεταβάλλει* e preenche, no v. 1080, a lacuna que Murray assinalara, transpondo para esse lugar o sujeito *Ζεύς*.

Proposta sugestiva é também a que figura no aparato crítico ao v. 871, com base no escoliasta, de considerar *ἄρραν* um topónimo.

Dois apêndices completam esta obra: um suplemento ao aparato crítico, em que fornece, para diversos passos, a 'interpretatio Latina' (sua ou alheia), ou outras explicações (designadamente de ordem estilística e sintáctica), ou ainda remissões para textos esclarecedores (e é interessante notar o uso que fez de Aretaeus, *De causis et signis morborum acutorum*); e outro com uma selecção de *testimonia, loci similes, imitationes*.

A terminar, uma sinopse métrica completada com uma análise estrutural da peça, que vem revelar, em muitos casos, uma simetria impressionante na construção do drama.

A nova edição teubneriana de Eurípides (para a qual o mesmo Biehl contribuíra, em 1970, com *As Troianas*) teve agora uma notável adição, que é já a quinta da série. Possa ela prosseguir no mesmo ritmo, para satisfação e utilidade dos estudiosos do «mais trágico dos poetas».

M. H. ROCHA PEREIRA

PINDARI CARMINA CVM FRAGMENTIS. PARS II. FRAGMENTA. INDICES.
Post Brunonem Snell edidit Hervicus Maehler. Bibliotheca Scriptorum Graecorum et Romanorum Teubneriana. Leipzig, B. G. Teubner Verlagsgesellschaft, 1975. VIII + 220 pp.

As reedições de Píndaro na Bibliotheca Teubneriana continuam a suceder-se em ritmo animador. A edição, em volume separado, dos fragmentos, que nesta mesma revista saudámos em 1966 (vol. XVII-XVIII, pp. 269-270), salientando as muitas novidades papirologicas que continha, e a alta qualidade do trabalho realizado pelo famoso mestre de Hamburgo, acaba de ser substituída por outra, preparada por um discípulo do Prof. B. Snell, H. Maehler — tal como já sucedera com os epínicios.

Desta vez, as novidades são poucas: três fragmentos, todos muito mutilados, dos quais dois provêm de papiros de Berlim (11477 e 21114), que vêm somar-se ao *II*⁷, com restos do Péan XXII, e outro de um papiro florentino (Inv. 557), a constituir o fr. 169b. No acrescento figuram ainda duas referências, uma extraída de Herodiano e outra da *Suda*. Todos estes elementos foram fornecidos em apêndice, bem como as alterações ao aparato crítico, à sinopse métrica e aos índices, pois, tal como vem sendo prática corrente das reedições teubnerianas onde as mudanças a efectuar são poucas, fez-se uma reprodução fotomecânica do modelo, assinalando na margem com um pequeno quadrado a existência de aditamentos.

Deve observar-se que, ao contrário do que é habitual nesta colecção, essas indicações nem sempre foram correctamente formalizadas: o «laterculus» foi esque-

cido no aparato da p. 31, l. 10; p. 57, l. 3; p. 91, l. 1; p. 106, l. 3 e l. 10; mas figura no da p. 103, l. 2, sem a devida correspondência nos *addenda*.

Alguns destes acrescentos ou rectificações provêm de anotações à margem do exemplar de uso do Prof. Snell, que as transmitiu ao seu sucessor. Outras, mais numerosas, destinam-se a vincar a autoria de conjecturas que o próprio Snell formulara. Um pequeno número é acrescentado pelo novo editor.

O triplo índice — dos nomes próprios, das palavras e das fontes — que tanto valorizava já a edição anterior, aparece agora, como já referimos, com uma ou outra rectificação ou acrescento. Somente o índice das palavras novas diminuiu consideravelmente, por entretanto o *Lexicon Pindaricum* de Rumpel (1883) ter sido substituído pelo de Slater (1969); mesmo assim, as formas ainda não abrangidas por este último léxico ocupam três páginas e meia, a duas colunas. Por este pormenor se pode fazer ideia de quanto tem progredido nos últimos anos o nosso conhecimento do vocabulário dos líricos.

M. H. ROCHA PEREIRA

GERT PREISER, *Allgemeine Krankheitsbezeichnungen im Corpus Hippocraticum. Gebrauch und Bedeutung von Nossos und Nosema. Ars Medica. Texte und Untersuchungen zur Quellenkunde der Alten Medizin. II. Abteilung. Griechisch-lateinische Medizin. Band 5.* Berlin, Walter de Gruyter, 1976. XIX + 138 pp. DM 86.

A valiosa série de textos e investigações sobre as fontes da Medicina antiga, publicada pelo Instituto de História da Medicina da Universidade Livre de Berlim (de que já temos dado notícia aos nossos leitores — cf. *Humanitas* 19-20 (1967-68), 408-410, e 23-24 (1971-72), 538-539), acaba de ser enriquecida com mais um volume, este consagrado às «Designações genéricas da doença no *Corpus Hippocraticum*. Emprego e significado de Nossos e Nosema». Originada numa tese submetida à Universidade de Francforte-do-Meno em 1968 (a qual, por sua vez, tivera o seu início num artigo para o Léxico de Hipócrates), que foi galardoada com o Prémio Senckenberg de 1969, esta obra traz um interessante contributo, não só para a área específica da semântica grega em que fundamentalmente se move, como para a história da Medicina e do pensamento científico em geral.

A questão da sinonímia entre os dois termos fora já formulada na Antiguidade, pelo menos a partir do séc. II da nossa era, com o papiro conhecido por *Anonymus Londinensis* e as pseudo-Galénicas *Definitiones Medicae*, que afinal se opõem ambos à identificação dos dois termos, sustentada por Galeno no *Método Terapêutico*. Retomada em tempos modernos por J. H. Heinrich Schmidt, Von Fritz, Schadewaldt e outros, aparece agora sistematicamente analisada por Gert Preiser, que para isso

examinou escritos hipocráticos de géneros variados (como *Prog.*, exemplo de tratado especializado; *Flat.*, exemplo de estilização retórico-sofística; *Epid.*, como amostra de estilo noticioso; os *Aforismos*, como representativos de um género literário específico), de especialidades diferentes (*Vict.*, de dietética; *Int.*, de Medicina interna; *Mul.*, de ginecologia; *Art.*, de cirurgia), de épocas distintas (deste o *De Morbo Sacro*, datável da Guerra da Peloponeso, a *Epid.* V e VII, do segundo quartel do séc. IV, ou ainda a *Praec.*, da época imperial).

A análise dos exemplos é feita sob vários ângulos. Assim, um capítulo é consagrado à comparação de alguns textos com os seus modelos conhecidos, comparação essa que leva a concluir pela maior antiguidade de *νοῦσος*. Outro capítulo mostra que, nos escritos em que *νοῦσος* e *νόσημα* se empregam lado a lado, sem que haja diferença de significado ou de emprego, se descobrem razões para a alternância: ou é efeito dos modelos, ou se deve ao princípio da variedade como meio estilístico. Outro capítulo ainda estuda os empregos de ambas as palavras em relação com adjectivos, substantivos e verbos. Desta parte da obra deriva uma observação que adiante se revelará de grande alcance: a de que os adjectivos em *-ιός* se empregam de preferência com *νόσημα* (p. 57). De grande interesse também, é a discussão da teoria de Lichtenthaler, segundo a qual no emprego dos verbos se notam resíduos da antiga concepção da doença como um ataque vindo do exterior (pp. 60-63).

No extenso capítulo sobre o significado, merecem especial relevo as secções *D* e *E* — por ventura as mais interessantes de toda a tese. Na primeira destas partes, faz a análise pormenorizada do emprego de *νοῦσος* no *De Morbo Sacro*, a qual leva à conclusão de que, enquanto rebate a concepção tradicional, espelhada na designação de *ἰεργή νοῦσος*, o autor utiliza esta última palavra; ao passo que, quando entra na análise científica da epilepsia, passa a empregar *νόσημα*, o termo novo que surgira no decurso do séc. V a.C. As acepções todas de *νοῦσος*, desde os Poemas Homéricos até Ésquilo, são analisadas na secção *E*. Curioso é notar que as três mais antigas ocorrências conhecidas de *νόσημα* são todas do *Prometeu Agrilhoado*, tragédia na qual *νοῦσος*, por seu lado, figura onze vezes.

Aliás, como se conclui na secção seguinte, «O novo conceito *νόσημα*», este termo surge na tragédia (além dos já mencionados, cinco exemplos em Sófocles e outros tantos em Eurípides) e na comédia (quatro em Aristófanes, dos quais dois já do séc. IV a.C., uma vez que pertencem ao *Plutus*). Dos prosadores, o mais antigo exemplo vem de Górgias.

Ora, como vimos, o A. demonstrara já — e este é, sem dúvida, um dos resultados mais relevantes da sua investigação — que o tratadista do *De Morbo Sacro*, actualmente considerado um dos mais antigos escritos do *Corpus Hippocraticum* (entre 430 e 400 a.C.), dera mais uma prova clara do novo espírito científico na análise daquela doença, ao substituir *νοῦσος* por *νόσημα*, quando entrara na parte positiva do seu estudo. Esta atitude toma-a Preiser, e, a nosso ver, com razão, como típica de uma preocupação dos médicos: a de se distanciarem do velho conceito de doença, a que atrás se aludiu. Com efeito, as antigas concepções de estado mórbido, a sua personificação, ameaçadora e estranha, estavam contidas em *νοῦσος*, mas não na nova palavra *νόσημα*. E, como a difusão desta última se encontra ligada à dos adjectivos em *-ιός* (cujá expansão já A. Debrunner atribuíra aos Sofistas), o A. formula a hipótese de *νόσημα* ter sido também uma criação sofística. «O novo termo tornou-se assim, em certa medida, expressão daquele tempo, que tão grande signifi-